

---

## JORNALISMO TRANSMÍDIA – ANÁLISE DA NARRATIVA PRODUZIDA ENTRE PLATAFORMAS E FORMATOS

Bruno Guerra Pinto<sup>1</sup>

**Resumo:** A Narrativa Transmídia<sup>2</sup> se trata de um modelo que surgiu dentro das novas tecnologias e beneficiou, em primeiro momento, o entretenimento. Esta pesquisa tem o propósito de discutir a importância deste modelo dentro do discurso jornalístico. Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico acrescido da análise da reportagem Crime sem Castigos da Folha de São Paulo com base nas características do formato Transmídia descritos por Henry Jenkins e Denis Porto Renó tendo como ênfase o aspecto de interatividade e o papel do receptor como Prossumidor do conteúdo. O resultado da discussão foi apontar as características e relevância deste formato para o alcance dos objetivos do jornalismo na transmissão de conteúdo informativo e no alcance do público.

**Palavras-chave:** narrativas transmídia, conteúdo jornalístico, interatividade, tecnologia.

### JOURNALISM TRANSMEDIA – ANALYSIS OF NARRATIVE PRODUCED BETWEEN PLATFORMS AND FORMATS

**Abstract:** The Transmedia Storytelling it is a model that surged with the new technologies and benefited in the first time, entertainment. It is research aims to discuss the importance of this model in the journalistic discourse. For this was based on a literature plus the analysis of the report Crime sem Castigo of Folha de São Paulo based on Transmedia format features described by Henry Jenkins and Denis Port Renó having as emphasis on the aspect of interactivity and the role of the receiver as prosumer the content. The outcome of the discussion was to point out the features and importance of this format to achieve the goals of journalism in the information content transmission and reach the public.

**Keywords:** transmedia storytelling, journalistic content, interactivity, technology.

---

<sup>1</sup>Graduado em Jornalismo pela Sociedade Educativa e Cultural Amélia (FaculdadesSecal). E-mail: bruno.jor@gmail.com

<sup>2</sup>JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 137 p.

## INTRODUÇÃO

Em 2004 a *Web 2.0* de O'Reilly<sup>3</sup> alcançou um novo patamar sobre o comportamento da sociedade em relação ao consumo de informação. O aumento da velocidade veio junto com a simplificação do uso, deixando o ambiente *web* mais dinâmico e, por consequência, aumentando o conteúdo de forma significativa. A partir deste ponto, o usuário deixou de ser espectador e galgou dois degraus, o da colaboração e o da organização de conteúdo.

A concepção da Cultura da Convergência de Jenkins<sup>4</sup> é uma das formas para se compreender esse novo comportamento da sociedade em relação a mídia. É uma mudança cultural em que o consumidor e o produto ganham uma evolução de papéis. As diferentes mídias se unem, quebrando o paradigma de meio século de individualismo. O público torna-se mais crítico e presente na participação colaborativa e na exigência sobre o conteúdo. A busca da informação e entretenimento passa a ser migratória entre plataformas e formatos de conteúdo.

Com a ampliação das possibilidades de acesso e dos formatos para geração de conteúdo para a internet vem também as novas possibilidades de linguagem e de formatos narrativos.

Na narrativa tradicional a história é contada organizada entre tempo, espaço e personagem, conhecido como enredo linear. Começo, meio e fim. A história é apresentada de maneira lógica e o desenrolar das ações ocorrem cronologicamente. O enredo, ou narrativa, não-linear apresenta os mesmos dados de forma alternada. A sequência é descontinuada. Se utiliza do psicológico para contar sobre os personagens fazendo saltos cronológicos e levando em consideração os fatos<sup>5</sup>.

Com a convergência midiática nasce um novo formato de narração, a *Transmedia Storytelling*, ou Narrativa Transmídia. Identificada por Jenkins<sup>6</sup> como uma forma de contar

---

<sup>3</sup>O termo Web 2.0 foi utilizado a primeira vez em outubro de 2004 pelas empresas Medialive e O'Reilly Media, no evento Web 2.0, realizado em São Francisco, nos Estados Unidos. Foi uma definição utilizada para promover a compreensão dos fenômenos observados em uma nova fase da internet, principalmente no que se tange a produção e interação do usuário (CAVALCANTI; NEPOMUCENO, 2007).

<sup>4</sup>JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 40.

<sup>5</sup>MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo**. São Paulo: Ática, 1986, p. 16-17.

<sup>6</sup>JENKINS, Henry. Op. cit., p.49.

histórias utilizando as diferentes plataformas e linguagens de maneira independente e ao mesmo tempo harmônicas, nas quais cada uma é capaz de compreender o todo de forma diferente. É uma história maior que se divide em textos, galerias de imagens, vídeos, games, infográficos, animações, quadrinhos, cinema, televisão e rádio.

Renó<sup>7</sup> faz uma diferenciação entre a Narrativa Transmídia e o Cross-mídia que é um termo utilizado para descrever a transmissão de um mesmo conteúdo em diferentes plataformas. Como, por exemplo, um desastre natural contado pelo jornal impresso, pela televisão e pelo rádio. O jornal colocará em letras os acontecimentos, esforçando-se para pegar seu público por meios de frases bem construídas. A televisão tem o recurso das imagens que contam por si só os fatos e o texto complementa aquilo que não é visível. No rádio o discurso é a principal ferramenta por isso a entonação de voz e as palavras devem ser bem escolhidas. Mesmo assim todos contam a mesma história, apenas utilizam formatos diferentes.

A Narrativa Transmídia utiliza dos meios convergentes para expandir a narração, indo além uma da outra. A trilogia cinematográfica Matrix é um dos exemplos de Narrativa Transmídia citado por Jenkins<sup>8</sup>. A extensão midiática transcende ao cinema, estendendo-se para animações, quadrinhos e games, todos contendo uma narrativa paralela, secundária e complementar à principal.

A *fanfiction* está entre os fascículos da Narrativa Transmídia. A produção dos fãs com base em qualquer elemento da ficção são produtos que integram a história. Essa relação direta dos espectadores com o conteúdo, mérito da Web 2.0, enriquece o produto e expande o sentimento da sociedade para com ele, uma vez que a Narrativa Transmídia é constituída por princípios norteadores que cativam produtores e fãs<sup>9</sup>.

Partindo dos campos do entretenimento, a Narrativa Transmídia passa a influenciar o jornalismo. O aprofundamento das revistas sobre temas abordados na televisão, e nos impressos, são um esboço deste novo formato dentro do jornalismo. Para Jenkins<sup>10</sup>, as plataformas devem contribuir de formas distintas para a compreensão maior da história.

---

<sup>7</sup>RENÓ, Denis, RENÓ, Luciana, CAMPALANS, Carolina, ACADÊMICOS. **Nueva Ecología de los Medios y Desarrollo Ciudadano**. Bogotá: Universidad Del Rosario, 2015, p.133.

<sup>8</sup>JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 137.

<sup>9</sup>Ibid., p.165.

<sup>10</sup>Ibid., p.138.

Jenkins<sup>11</sup> afirma que em uma história narrada nos moldes Transmídia o todo é maior que a soma das partes e é esta leitura do todo que torna o modelo aplicável ao jornalismo. Algumas produções para a *web* têm se aproximado do formato Transmídia ao utilizar os textos e as imagens de maneira harmônica ao mesmo tempo dividindo o conteúdo em blocos.

A pesquisa também visa analisar como o jornalismo pode e tem utilizado a Narrativa Transmídia e o comportamento do público como *Prossumidor* do conteúdo através da mensuração do fluxo de compartilhamentos, comentários e curtidas da reportagem no Facebook. Dentro destes parâmetros foi analisado a reportagem especial Crime Sem Castigo<sup>12</sup> produzido pela Folha de São Paulo.

A pesquisa tem como propósito discutir os aspectos relevantes do modelo Transmídia na narrativa jornalística contemporânea e o seu relacionamento com o consumidor.

## PROCESSO DE ANÁLISE

Para esclarecer os dados a serem analisados nesta pesquisa segue na sequência os itens em ordem de processo:

- Elencar as características da Narrativa Transmídia dentro do Jornalismo.
- Descrever o conteúdo da reportagem selecionada para a pesquisa, analisando os aspectos que a aproximam da Narrativa Transmídia e aqueles que a afastam.
- Analisar o grau de interatividade do público no Facebook com o conteúdo da reportagem publicado na rede social: compartilhamento, comentários, *likes* e visualizações.

## O JORNALISMO SE APROPRIA DA NARRATIVA TRANSMÍDIA

---

<sup>11</sup>Ibid., p. 137.

<sup>12</sup>FOLHA DE SÃO PAULO. **Crime Sem Castigo**. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/12/crime-sem-castigo/>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

Algumas produções jornalísticas já estão se aproximando da NT no entretenimento. O jornal *New York Times* criou um projeto no período que durou a Copa do Mundo de 2014 que unia reportagem, galeria de imagens e uma animação interativa na web para divulgar resultados e estatísticas dos jogos.

Enquanto os jornais se espalhavam pelas ruas com as tradicionais tabelas e textos de dois a três mil caracteres ilustrados por fotografias de jogadores em posições de ataque, no site do NYT o internauta era capaz de ter acesso a informações adicionais utilizando uma *timeline* com fotos tiradas de finalizações onde a bola não aparecia, apenas a clara expressão do jogador que a chutou a bola, o pulo do goleiro para defender e uma pergunta na tela que dizia “qual o local da bola?”<sup>13</sup>. O cursor do mouse era utilizado como ferramenta para marcar com um *click* na foto aonde o internauta achava que a bola tinha ido. Quando o *click* era certo aparecia uma bola verde em cima da bola verdadeira da imagem, quando errada ficava vermelha e a bola verdadeira era revelada. Ao lado de cada interação continha uma matéria explicativa sobre o jogo.

Essa forma de narração utilizada pelo NYT que traz o leitor dos jornais para a *web* e que conduz o internauta da web para o impresso ou que atinge dois públicos distintos que se mantêm em seu meio de preferência é uma forma de Jornalismo Transmídia. Este formato narrativo aos poucos está se tornando um comportamento social devido aos novos costumes adquiridos pelos consumidores, principalmente com o aumento da utilização de dispositivos móveis.

## PROSSUMIDORES E A CULTURA PARTICIPATIVA

Para Jenkins (2009) a Cultura Participativa é aquela em que os usuários, ou consumidores, participam na criação e na circulação de conteúdo. O consumidor tem, nos dias de hoje, um papel fundamental na circulação de conteúdo entre os diferentes sistemas midiáticos. A convergência midiática não é apenas um processo tecnológico, mas também uma mudança cultural. Um dos principais fatores desta mudança é a navegação dos usuários, fazendo conexões a procura de conteúdos dispersos.

Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes

---

<sup>13</sup>TIMES, The New York. **Spot theball**. Disponível em: <[www.projects.nytimes.com/interactive/sports/worldcup/spot-the-ball/2015/06/19](http://www.projects.nytimes.com/interactive/sports/worldcup/spot-the-ball/2015/06/19)>. Acesso em: 18 dez. 2015.

interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros.<sup>14</sup>

Apesar de Jenkins afirmar que por enquanto a sociedade só utiliza esse “poder coletivo” para fins lucrativos, já é possível enxergar o seu desenrolar no jornalismo. A cultura participativa tem seu combustível na inteligência coletiva, onde é construída a partir da doação que cada indivíduo faz do seu próprio conhecimento. Para Jenkins nem todos irão contribuir, no entanto, todos acreditarão na liberdade de criação e na valorização de suas contribuições:

Em tal mundo, muitos vão se envolver mais superficialmente, alguns vão cavar mais fundo, e outros ainda vão dominar as habilidades que são mais valorizadas dentro da comunidade. A própria comunidade, no entanto, fornece incentivos para a expressão criativa e participação ativa.<sup>15</sup>

A partir deste ponto de vista, Jenkins(2009) vê a cultura participativa como o futuro, onde o “consumo tornou-se um processo coletivo”<sup>16</sup> em um mundo onde ninguém tem o pleno saber, mas cada um pode saber uma parte e junta-las associando recursos e habilidades.

Desto deste processo coletivo entra o conceito de Prossumidor, que é a junção de produtor mais consumidor, utilizada por primeiro por Alvin Toffler<sup>17</sup> na década de 80, em seu livro *A Terceira Onda*, que tinha uma abordagem mercadológica com reflexões sobre a comunicação. O termo se trata da mudança do papel do consumidor para consumidor e produtor ao mesmo tempo, isso devidos as novas tecnologias.

Matathia (2005) define o prosumer como um personagem que reflete o mercado atual:

É um sistema de alarme. O que fazem e pensam hoje, é o que o grosso dos consumidores farão e pensarão amanhã. São uma espécie de media

---

<sup>14</sup>JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 30.

<sup>15</sup>JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 30.

<sup>16</sup>idem.

<sup>17</sup>TOFFLER, Alvin. **A Terceira Onda**. 5ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1980.

humano. E a nossa investigação indica que os há em todas as categorias de produtos – representam uma marca de paixão, e sendo assim o seu proativismo e envolvimento numa dada categoria de produtos torna-os relevantes, como no caso dos “maluquinhos da tecnologia”, ou dos apaixonados pela moda, ou dos loucos por boa comida ou por bólides, etc. É uma postura – os que revelam esses traços, impregnarão com eles as interações com os produtos e as marcas.<sup>18</sup>

É o usuário que utiliza os meios disponíveis na internet para divulgar seus conteúdos particulares. Esses meios podem ser as redes sociais, Youtube, blogs, entre outras possibilidades.

Novos formadores de preferência é como Anderson (2006, p. 106) define os prosumidores, fazendo uma análise em seu livro *A Cauda Longa*, sobre a importância da propaganda a este modelo de usuário, onde as empresas são aquilo que o Google diz.

Pavlik (2008, p. 246) aponta que o termo mais correto para definir as pessoas que, não apenas acessam, mas buscam sites jornalísticos, publicam opiniões, discutem em fóruns e acessam peças multimídias são usuários e produtores, ou prosumer.

Uma das ferramentas que vieram a facilitar a entrada do Prosumidor nas produções de Jornalismo Transmídia são as rede social e entre elas a mais popular o Facebook, criado por Mark Zuckerberg em 2004.

No mundo, segundo dados fornecidos pelo Facebook, em dezembro de 2015 a media de usuários *logados* por dia é de 1,04 bilhões, destes 934 milhões através de dispositivos móveis.

A Pesquisa Brasileira de Mídia 2015<sup>19</sup>, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, sobre hábitos de consumo revela que 37% (74 milhões) dos brasileiros utilizam a internet todos os dia, 92% (68,08 milhões) dos internautas estão conectados em redes sociais, dentro desse grupo 83% está no Facebook, o que pode chegar em torno de 57 milhões de brasileiros conectados diariamente ao Facebook.

---

<sup>18</sup>MATATHIA, Ira. Ira Matathia. In: RODRIGUES, Jorge N., CARDOSO, Jaime. F., NUNE, Caroline e EIRAS, Ruben. **50 Gurus da Gestãopara o Século XXI**. Lisboa: Centro Atlântico, 2005. p. 427.

<sup>19</sup>Link em <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

Tais números apontam que a grande quantidade de pessoas que utilizam uma ferramenta como o Facebook, capaz de criar e propagar conteúdo, comprova que o comportamento da sociedade em relação a informação está nitidamente formatada no conceito dos Prosumidores, por isso faz-se necessário a análise desta rede dentro dos conteúdos transmidiáticos.

## **MULTITELAS E DISPOSITIVOS MÓVEIS**

Outro fator que impulsiona o jornalismo para a Narrativa Transmídia são as novas tecnologias de distribuição e o crescente comportamento de indivíduos que utilizam múltiplas telas ao mesmo tempo.

O avanço tecnológico foi possibilitando, com o passar dos tempos, a diminuições de aparelho de reprodução, ou tecnologias de distribuição, como define Jenkins (2009, p. 41). Essas tecnologias, cada vez menores criaram uma nova forma de relacionamento com a sociedade. Levinson (2001) dirá que esses aparelhos passam a ser extensões do homem, parte do seu dia-a-dia. O poder do movimento sem a perda da conexão com a *web* deu um novo argumento para a afirmação de Levinson, o que o correu com os a criação dos dispositivos móveis.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo TeleGeography existe no mundo mais de 7,1 bilhões de celulares ativos. No Brasil são mais de 154 milhões de smartphones e 43 milhões de brasileiros acima dos 12 anos utilizam dispositivos móveis para navegar na internet. Dados que demonstram como o celular e a utilização de tecnologias móveis já fazem parte do dia-a-dia da sociedade.

A expansão da telefonia móvel nos situa em uma era de conexão global, e os telefones móveis (ou celulares como são chamados) se converteram em nosso cordão umbilical com o mundo. (FLORES, 2010, p.238)

Para Renó (2012, p.83) é importante que o jornalismo se atualize junto com as tecnologias, em especial no caso dos dispositivos móveis que colaboram pelo aumento da velocidade de acesso ao conteúdo e contribuem com a produção e transmissão de informação. Assim, estando intimamente ligado à forma de consumo de informação da sociedade atual as produções de Jornalismo Transmídia devem ser compatíveis com os dispositivos móveis, em seu formato e linguagem.

Outra perspectiva que surge com o desenvolvimento tecnológico é a de multi telas, onde o usuário não está mais prestando atenção apenas em um dispositivo mas sim em dois ou três: TV, computador e smartphone. Uma pesquisa realizada pelo Google em 2013 aponta que 61% do brasileiro tem um comportamento multi telas mais simultâneo e 75% estão conectados à internet enquanto assistem televisão.

O fator multi telas é um novo comportamento que também deve ser levado em consideração nas perspectivas de produção do Jornalismo Transmídia, seja na mudança de plataforma ou interação entre meios.

## **NARRATIVA TRANSMÍDIA E JORNALISMO TRANSMÍDIA**

A narrativa é uma sequência de acontecimentos transmitidos através de palavras, imagens, representação teatral, textos, vídeos e outras inúmeras formas. Segundo Roland Barthes (2008, p. 17) a narrativa é sustentada pela linguagem proferida, podendo ser escrita ou oral, gesticulada, pela imagem fixa, ou mesmo móvel, e até mesmo uma junção de todas estas formas de maneira organizada. Uma história se cria através de dois polos onde há quem narre o fato, escolhendo “o momento em que uma informação é dada e por meio de que canal isso é feito” (PELLEGRINI, 2003, p. 64) e outro que lê, ouve ou assiste.

A estrutura da narrativa é composta por 5 elementos fundamentais: o acontecimento, o personagem, o espaço, o narrador e o espectador. Sem estes elementos não temos uma narrativa. Em evidência temos o papel do narrador, que é aquele que conta o acontecimento “apresentando e explicando os fatos que se sucedem no tempo e introduzindo os personagens” (CARDOSO, 2001, p. 36), em suma, é ele quem decide como a história será contada. Gancho (2004, p. 26) afirma que “não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história”.

A narrativa pode ser apresentada em primeira ou terceira pessoa:

O narrador tanto pode interpretar, na posição de quem assiste aos fatos, a realidade que está sendo narrada, como também participar nessa realidade, desempenhando uma ação específica. Decorre daí a distinção tradicional entre narrador em primeira pessoa (aquele que exerce uma função de ação) e narrador na terceira pessoa (aquele cuja função se restringe à interpretação dos fatos (CARDOSO, 2001, p. 36).

O mais comum entre os narradores é o observador, mais comum em narrativas visuais, o que para Barthes é “uma espécie de consciência total, aparentemente impessoal, que emite a história a partir de um ponto de vista superior, o de Deus” (2008, p. 137).

Narrativa linear é aquela que conta a história concatenada em tempo e espaço, onde os personagens se apresentam de maneira lógica e as ações se desenvolvem cronologicamente. É a forma mais comum de se contar uma história, com começo, meio e fim nesta sequência.

Nos sistemas de linguagem escrita/falada, a sintaxe se refere somente ao que podemos chamar de aspecto linear da construção: isto é, as maneiras pelas quais palavras são colocadas juntas, no sentido de formar frases e sentença. (MONACO, 1981, p. 142)

Narrativa não-linear se utiliza de um método diferente, onde o mais importante é a ideia dos fatos. Desta forma serão apresentados os fatos na sequência escolhida para se entender melhor a ideia geral da história. GiselyBelgman explica em sua obra o Livro Depois do Livro que “por meio de narrativas não-lineares e multisequenciais, reconfiguram a relação literatura/livro/leitor” (2003, p. 47).

A narrativa não-linear é uma das principais características do formato de hipertexto<sup>20</sup> utilizado na web, onde as narrações são organizadas pelos usuários, a partir da forma como ele quer ver as informações. Essa não-linearidade encontrada no Jornalismo Transmídia reporta ao estudo da narrativa questões importantes para o resultado desta pesquisa.

A comunicação sempre sofreu influências com o surgimento de novas tecnologias, e o jornalismo, de maneira peculiar, foi fortemente mudado com o alvorecer das evoluções digitais (RENÓ, 2013, p.63). Uma vez que os indivíduos mudam seus costumes sobre as formas de consumo de informação, o jornalismo, por consequência, segue a tendência para não perder seu papel de eixo entre informação e sociedade.

A Ecologia das Mídias é um conceito de Marshall McLuhan e Neil Postman que tem como objetivo estudar as Mídias enquanto ambiente que “nos impõem papéis e nos dita o que é permitido ou não fazer” (DRAMALI, 2010, p.4) enquanto espécies pertencentes a um ecossistema que estabelecem uma relação entre si.

---

O avanço tecnológico alterou o perfil de interesses da sociedade pois “as novas tecnologias alteram a estrutura de nossos interesses: as coisas sobre as quais pensamos” (POSTMAN, 1994, p.29) direcionando o indivíduo sobre as coisas com que ele deve pensar e até mesmo aonde os pensamentos devem ocorrer.

Tendo isso em mente a Nova Ecologia dos Meios compreende uma nova visão sobre os estudos das mídias emergentes e um levantamento de comportamentos sociais de produções para a área da comunicação. Dentro deste contexto se encaixa o Jornalismo Transmídia e as formas de produzi-lo para o alcance de proximidade com a sociedade enquanto usuária e produtora de conteúdo.

Além do Jornalismo Transmídia a Nova Ecologia dos Meios abrange a linguagem hipermídia, o uso de multi telas e dispositivos móveis, a intertextualidade, hipertexto, interatividade, prossumidores e diversas observações que surgiram nos últimos vinte anos envolvendo meio, linguagem e relações humanas. Itens que servirão de norteadores para análise e discussão do conteúdo bibliográfico e das produções jornalísticas.

Para Denis Porto Renó o Jornalismo Transmídia é uma formato que abrange vários meios utilizando linguagens e narrativas diferentes ao mesmo tempo usufruindo dos diversos meios para alcançar um grande número de usuários, “para isso são adaptados recursos audiovisuais, de comunicação móvel e de interatividade em função do conteúdo, incluindo a blogosfera e as redes sociais, o que amplia de forma considerável a circulação do conteúdo” (2012, p. 82, tradução nossa).

O papel do usuário é ativo dentro desta forma narrativa, para Carlos Scolari entre as características principais está a cooperação ativa dos usuários no processo de expansão transmídia e todo material deve incluir espaços dedicados ao usuário (SCOLARI, 2013, p. 28, tradução nossa). Para ele é uma história desenvolvida por diferentes sistemas e distribuída em diversas plataformas de comunicação utilizando para cada uma delas estratégias diferentes.

Para compreender melhor Renó faz um paralelo entre transmídia e cross-mídia onde “cross-mídia distribui a mesma mensagem em multiplataforma, a narrativa transmídia oferece mensagens distintas, ainda que relacionadas, em ambiente multiplataforma” (RENÓ, 2013, p. 215). Assim, as diversas plataformas são independentes ao mesmo tempo que conexas entre sí.

Assim como Scolari, Renó também coloca o papel do usuário em evidência no Jornalismo Transmídia, mais especificamente como forma de expansão através da interatividade:

A diferença do Jornalismo Transmídia sobre outras formas de narrativa jornalística é que no transmediastorytelling é possível aproveitar as oportunidades da comunicação na sociedade pós-moderna, onde a mobilidade e a liquidez estruturais, isto é, a interatividade, têm papéis importantes no campo da comunicação, como o de envolver e atrair o receptor para interpretação participativa da mensagem. Isto é um dos pontos necessários para observar uma estrutura transmídia: a expansão da narrativa a partir da interatividade. (RENÓ, 2012, p. 82, tradução nossa)

Renó aponta como uma importante questão para se levar em conta nas produções em Jornalismo Transmídia é o uso das novas tecnologias, mais especificamente o uso de dispositivos móveis (RENÓ, 2012, p. 83, tradução nossa). O autor explica que os telefones celulares não mudaram apenas os processos de comunicação, mas também a sociedade de forma geral.

Salaverria&Avilés (2008) pesquisaram a Narrativa Transmídia focada para o campo do jornalismo e abordam a convergência como um processo dividido em quatro dimensões: convergência empresarial, tecnológica, profissional e de conteúdo, sendo esta referida ao Jornalismo Transmídia que é a “utilização de diferentes formatos midiáticos na estruturação da narrativa” (SALAVERRIA apud SOUZA & MIELNICZUL, 2009, p. 36). O conteúdo convergente remete a apresentação de um tema em mídia diferentes, combinando linguagens diferentes em uma única narrativa.

Para a construção do Jornalismo Transmídia é necessário tempo de reflexão sobre o conteúdo a ser produzido. Isso deve-se ao fato de o jornalista saber qual temática será abordado em cada âmbito da narrativa transmídia, se será em texto, áudio visual, galeria de imagens ou outro formato e linguagem. Tendo em vista este ponto, Renó põem a reportagem como um modelo que se encaixe com mais facilidade dentro do transmídia:

Nossa investigação tem como objetivo final propor uma linguagem e um método de trabalho que possa ajudar os jornalistas na construção da narrativa transmídia, especialmente para o gênero reportagem, tendo em vista que acreditamos que a notícia cotidiana não permite um tempo de reflexão para a elaboração do roteiro de navegação e intertextualidade proposta pela transmidiação (RENÓ, 2012, p. 90)

A produção transmídia exige mais do jornalista principalmente se tratando de conteúdo para redes sociais. Tais produções exigem planejamento para os caminhos que o conteúdo deve guiar o autor. Renó desenvolveu um modelo de fluxograma que serve de forma eficaz o jornalista no ciberespaço, utilizando “conceitos de fluxograma circular e da ideia sobre algoritmo proposta por Manovich” (2012, p. 90).

A partir do Fluxograma Algoritmo Circular Rizomático<sup>21</sup> aonde o formato utilizado nos textos publicados não “necessariamente tem que apresentar todos os fragmentos, mas é bom que se tenha o máximo de textos distintos no conteúdo” (RENÓ, 2012, p. 97).

O modelo foi desenvolvido como roteiro fundamental para um bom trabalho de produção do Jornalismo Transmídia, principalmente se tratando do gênero reportagem. O fluxograma é um modelo, mas a diversidade dos caminhos para a navegação deve ser natural e é o usuário que deverá decidir quais caminhos irá seguir, sem que seja obrigado pelo jornalista a escolher uma rota (RENÓ, 2012, p. 97). Neste fluxograma são apresentados 5 fragmentos independentes e relacionados entre si.

No primeiro fragmento se apresenta um vídeo que complementa o que foi apresentado no texto. No segundo fragmento são apresentadas fotografias sobre o tema da reportagem, mas sem que se apresente o mesmo conteúdo do vídeo e do texto, mais uma vez é distinto e interligado.

O terceiro fragmento contém um infográfico e uma caricatura sobre o tema, segundo Renó são informações de apoio que constituem uma reflexão sobre o tema. O quarto fragmento possui um complemento sonoro da reportagem que pode estar em formato de vídeo e conter outras imagens diferentes das já apresentadas. Junto com o texto base esses são os 5 fragmentos utilizados como modelo no algoritmo.

## **ANÁLISE DA REPORTAGEM ESPECIAL DA FOLHA DE SÃO PAULO**

O site da Folha de São Paulo possui uma área para conteúdos hipermediáticos denominada como Especial. Nela se encontram matérias produzidas em diversos formatos e plataformas. Em 2015 a Folha produziu um documentário

---

intitulado Crime Sem Castigo<sup>22</sup> que trata sobre o contrabando no Brasil, onde os jornalistas da Folha acompanharam durante dois meses os caminhos e impactos deste tipo de crime.

A reportagem faz um levantamento dos trechos percorridos pelos contrabandistas para entrarem no país, as dificuldades de fiscalização nas fronteiras, os produtos mais contrabandeados e as perdas financeiras que o país sofre com isso.

Ao acessar o conteúdo a reportagem inicia com um gráfico animado que permite a interação. Um círculo com oito posições distribuídos nas extremidades possui informações chave sobre a matéria e permite que seja verificado via *click* do *mouse* ou baixando a barra de rolagem da página. Uma flecha laranja posicionada abaixo do círculo permite que o usuário pule as informações com os títulos e vá direto ao texto, que é o formato da narração principal. No *smatphone* a interação se dá de forma mais direta, pelos toques dos dedos.



Essa abertura da matéria se aproxima ao formato da Narrativa Transmídia de forma contundente pois permite ao usuário escolher a sequencia dos dados apresentados e até mesmo pular esse conteúdo para o próximo. Segundo Renó (2012) a principal diferença do Jornalismo Transmídia para os outros formatos é que com o Transmídia “é possível utilizar as diversidades comunicacionais presentes nas novas tecnologias, dentre elas a interatividade possui um importante papel, o de envolver e atrair o receptor para uma interpretação participativa da mensagem”<sup>23</sup>.

<sup>22</sup>Link para reportagem: <http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/12/crime-sem-castigo/>

<sup>23</sup>RENÓ, Denis,....

O aspecto que diferencia a reportagem da Narrativa Transmídia é que todos os conteúdos, com exceção do jornal impresso, se encontram num mesmo local de acesso – hotsite – e numa sequencia pré-estabelecida que limita o receptor a seguir, no entanto, auxiliado pelas redes sociais – Facebook – o jornalista pode compartilhar links de partes específicas do conteúdo desfragmentando-o na rede social e permitindo que o receptor escolha entre os fragmentos aquele que mais lhe interessa.

Entre as fases mais importante na construção da reportagem Transmídia está a circulação da informação, como explica Renó (2012) “a partir das redes de usuários é possível ter um alcance mais eficaz da informação. Ter o máximo de textos distintos dentro do conteúdo contribui para gerar maior interação e por consequência envolver o receptor”<sup>24</sup>.

Ainda na primeira página, entre o texto, há um vídeo editado em formato de infográfico animado que apresenta todo o conteúdo da reportagem de forma sucinta. A possibilidade do receptor acessar o vídeo impele uma forma de interação, além disso o vídeo foi liberado em outras plataformas como redes sociais e desta forma se cria um texto em plataforma distinta o que se configura no Jornalismo Transmídia.



Renó (2011) desenvolveu um guia para as produções em Jornalismo Transmídia utilizando um algoritmo para a construção do conteúdo:

A Construção do conteúdo deve ser desenvolvida a partir de um guia transmídia, onde se programa todos as ligações para que todos os fragmentos tenham uma relação cognitiva e ao mesmo tempo, não fazendo só o papel de

<sup>24</sup>RENÓ, Denis,..... 99

um conteúdo cross-mídia, ou seja, o mesmo conteúdo em distintas plataformas. Estes devem ser complementários e não repetitivos.<sup>25</sup>

Seguindo a ideia de Renó (2012), no mesmo dia em que a reportagem foi liberada no site um link foi compartilhado no Facebook, encaminhando o receptor para uma entrevista com o Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo. Essa divisão de conteúdos age de acordo com o formato Transmídia possibilitando ao receptor acessar a conteúdos complementares sem ser repetitivo e dando uma diversidade de caminhos a serem percorridos dentro do tema.

A possibilidade de fazer comentários e compartilhamentos no Facebook realça o aspecto de interatividade do Jornalismo Transmídia. Na publicação do link da entrevista os comentários conduzem o conteúdo para novos caminhos e fazem o receptor transcender seu papel para Prossumidor, consumindo e produzindo conteúdo a partir da história principal. O mesmo item foi compartilhado 46 vezes e 116 comentários, denotando uma significativa interação e coprodução dos receptores.

Foi compartilhado mais três links no Facebook com partes diferentes da reportagem, realçando ainda mais o aspecto transmídia descrito no parágrafo anterior. O detalhe destes compartilhamentos é que são feitos com um pequeno *teaser* em vídeo, chamando o receptor para o conteúdo, sempre um resumo do que irá encontrar. Esses vídeos acabam levando o receptor para o site fora do Facebook, o resultado disto é que se nota uma baixa nos comentários, no entanto como o site possui botão de compartilhamento o número destes cresce consideravelmente, de 46 no primeiro sobe para 70 no seguinte, 64 no outro e o último cai para 23.

No primeiro link compartilhado da entrevista com o ministro, dois comentários conduzem a linha de raciocínio da matéria para outro lado, que não o pretendido pelo jornalista. O fato do receptor ter visibilidade dos comentários juntamente com o texto do jornalista, tudo num bloco de informação como se vê abaixo, acaba influenciando diretamente quem tem o acesso via rede social.

---

<sup>25</sup>RENÓ, Denis,.... 2012 páginas 96 e 97



Quando o receptor insere comentários como estes, fazendo uma crítica ou levantando outras questões não abordadas, acaba levando outros receptores a discutir o mesmo conteúdo, o que faz dele produtor de um novo bloco de informação estendendo o universo da narrativa. Esse fator se assemelha a *fanfiction*, descrito por Jenkins (2006) e está entre os aspectos da Narrativa Transmídia.

“O processo em andamento da releitura do fã resulta em uma elaboração progressiva do universo da série através de inferências e especulações que ultrapassam sua informação explícita; (...) A crítica-fã tira personagens e questões narrativas das margens, elas focam em detalhes que são excessivos ou periféricos ao enredo principal, mas que ganham significado entre a própria concepção da série pelo fã”.<sup>26</sup>

A colaboração do receptor na construção de novos meandros dentro do universo da narrativa impulsiona a história gerando maior conexão entre receptores potencializando o alcance da reportagem.

Seguindo o aspecto de expansão da narrativa a partir da interatividade a reportagem utiliza dois games de perguntas e respostas para aproximar o receptor ao conteúdo. Sob o título “Qual é a Fronteira?” um infográfico interativo apresenta algumas fotos de satélite das

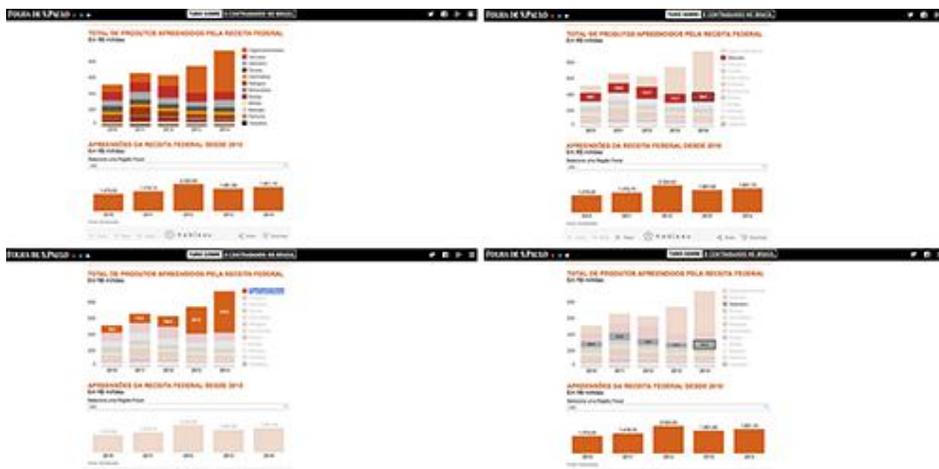
<sup>26</sup>(JENKINS, 1992, p. 158).

principais fronteiras do Brasil e dá quatro possibilidades, nas quais o receptor seleciona a sua resposta. Após isso o programa apresenta a *feedback* se está certo ou errado.



Um mapa interativo mostra todos os postos de alfandegas no país, dando a possibilidade ao receptor de dar zoom para aproximar e ver exatamente onde está localizado. Abaixo do mapa encontrasse uma tabela com todas as alfandegas separadas por região, estado, cidade e tipo. Este tipo de interação colabora na imersão do receptor dentro do universo Transmídia, onde ele obtém conhecimento de acordo com o grau de manuseio do conteúdo.

O gráfico é uma das formas tradicionais do jornalista apresentar e interpretar dados numéricos dentro dos conteúdos informativos. Na reportagem da Folha foi utilizado um gráfico interativo com os dados dos produtos apreendidos pela Receita Federal. Neste gráfico o receptor pode selecionar determinado recorte para obter informações mais específicas sobre determinado item.



Renó<sup>27</sup> (2012) cita 10 características apresentadas por José Luis Orihuela (2003) sobre espaço digital e entre elas está que “o usuário é parte do processo e não só uma audiência passiva”. Dessa forma a utilização de conteúdos que exigem interação do receptor estão profundamente relacionados com o Jornalismo Transmídia tanto pelo fator imersão dentro do universo da narrativa quanto pelo fato de que essa é a realidade da forma de consumo de conteúdo da sociedade na era digital.

A reportagem segue dentro de 5 páginas e o conteúdo segue dividido entre estes descritos acima: texto, entrevistas, infográficos animados, vídeos, gráficos interativos e games de perguntas e respostas. Além do Facebook a reportagem também foi divulgada através de jornal impresso, no dia 12 de março, no dia da liberação do conteúdo *online*.

<sup>27</sup>RENÓ, Denis 82



A capa do jornal deste edição trás uma imagem de um barco fazendo contrabando e algumas legendas explicativas da matéria no jornal e *online*. No caderno mercado uma matéria descreve fatos sobre um empresário brasileiro que tem seu crescimento inteiramente ligado ao contrabando, dados apresentados por meio de um infográfico e uma tabela. Na base da página, uma matéria de rodapé divulga um seminário sobre o contrabando e convida o leitor a acessar a matéria online.

O modelo desta reportagem não está totalmente de acordo com o Jornalismo Transmídia, é mais precisamente uma matéria de webjornalismo que devido a utilização de textos e formatos diferentes na reprodução de conteúdo correlacionado e pela desfragmentação no Facebook e Impresso, se aproxima ao modelo teorizado por Jenkins (2006) de forma geral e por Renó (2012) dentro do jornalismo.

**CONCLUSÃO**

A Narrativa Transmídia é uma técnica de relevância significativa para o alcance dos objetivos do fazer jornalismo nos dias de hoje, obtendo cada vez mais público e fazendo da informação relevante algo de conhecimento público de forma eficaz, utilizando o que a tecnologia atual proporciona para esta área da comunicação.

A utilização de diversos formatos colabora para o aprofundamento da narrativa aumentando as possibilidades de o usuário se engajar no conteúdo. A transcendência da narrativa dentro desses conteúdos em formatos diversos colaboram na captura do usuário fazendo com que ele considere sempre visualizar o próximo com a esperança de imergir ainda mais dentro da reportagem.

Plataformas diferentes são necessárias principalmente quando se trata de redes sociais. Quanto mais plataformas, mais possibilidades de acesso ao conteúdo, e como o Facebook é uma rede muito ativa conforme comentado no primeiro capítulo, a desfragmentação de conteúdo por meio de compartilhamento nesta rede colabora tanto para o acesso quanto para o incentivo ao usuário se tornar agente produtor de conteúdo compartilhando o mesmo em outras plataformas ou na mesma.

O jornalista deve ter em mente que os conteúdos produzidos para jornalismo transmídia devem ser altamente interativos para criar um relacionamento com o usuário e, assim como na utilização de diversos formatos, ocorra a imersão dentro do conteúdo.

É importante frisar que os formatos que apenas repetem o conteúdo já apresentado em outras mídias se fazem desnecessários dentro dessas reportagens, pois podem levar o usuário ao desencanto de se aprofundar mais na narrativa. Daí a necessidade de roteirizar todo o conteúdo antes de executá-lo, para que todas as partes se harmonizem dentro da narrativa.

A flexibilidade proveniente do estudo de caso fez dele muito aproveitável nesta pesquisa com aspectos exploratórias, onde foi realizado uma investigação sobre o tema que é complexo, colaborando com a construção das hipóteses - encontradas na conclusão deste trabalho - e na exploração do comportamento do usuário, pelo fato de possibilitar a geração de teorias.

Os resultados desta pesquisa foram além da apresentação numérica de resultados. Por meio dela foi possível identificar que o jornalista, ou a equipe de jornalistas, tiveram que usar uma linguagem transmídia em cada conteúdo para poder alcançar todos os fatos da narrativa. Para que dados técnicos ficassem mais claros foram utilizados infográficos interativos, gerando um grau maior de interesse do usuário para conhecer esses dados. Os vídeos puderam se alongar em temáticas específicas de forma dinâmica. Os hiperlinks possibilitaram um livre caminho de acesso para o usuário navegar dentro da reportagem da maneira que achar melhor.

Os objetivos desta pesquisa foram atingidos proporcionando uma compreensão prática de como o jornalista pode utilizar a narrativa transmídia. Apesar de todo o levantamento teórico não era possível enxergar como dentro de um veículo poderia ocorrer esse tipo de linguagem, mas a partir dessa análise tem-se mais claras as possibilidades e podem surgir novas ideias para uma construção da notícia de forma convergente e participativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MASSAROLO, João Carlos. **Jornalismo transmídia: a notícia na cultura participativa**. São Paulo: 2010

MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo**. São Paulo: Ática, 1986, p. 16-17

RENÓ, Denis, RENÓ, Luciana, CAMPALANS, Carolina, ACADÊMICOS. **Nueva Ecología de los Medios y Desarrollo Ciudadano**. Bogotá: Universidad del Rosario, 2015.

RENÓ, Denis, VERSUTI, Andréa, MORAES-GONÇALVES, Elizabeth, GOSCIOLA, Vicente. **Narrativas Transmídia: diversidade social, discursiva e comunicacional**. Bogotá: Universidad de La Sabana, 2011.

RENÓ, Denis. **Periodismo Transmedia: Reflexiones y técnicas para el ciberperiodistas de los laboratorios de medios interactivos**. Madrid. Fraga, 2012.

SCOLARI, Carlos. **Narrativas Transmedia: Cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Planeta, 2013.

SCOLARI, Carlos. **Palestra sobre 'Narrativas transmedia. Un campo de investigación transdisciplinario', proferida no IV Encontro Obitel Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, em 6 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/seminario/obitel/cobertura>>. Acesso em: 24 jan. 2014.